

HISTÓRIA

EM  
DEBATE

ANAIS DO XVI<sup>º</sup> SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS  
PROFESSORES DE HISTÓRIA - RIO DE JANEIRO, 22 A 26 DE JULHO DE 1991.

# **HISTÓRIA EM DEBATE**

## **Problemas, Temas e Perspectivas**

ANPUH: 30 anos

**CNPq**

**InFour**

# Mulher de Elite: Trabalho Invisível.

*Marina Zancaner Brito Maluf*

Esta reflexão é parte de um trabalho que está ainda em fase de pesquisa e que pretende reconstruir o papel da mulher de elite nas zonas de expansão cafeeira em São Paulo, em fins do século XIX e início do XX. As fontes privilegiadas desta reflexão são os livros de memórias femininas, especialmente os registros deixados por Floriza Barbosa Ferraz e Brazilia Oliveira Lacerda, que fazem parte do acervo particular de suas respectivas famílias.

Filhas da elite agrária paulista na virada do século XX, partiram ambas em busca de um futuro já antevisto no passado de suas mães, na mesmice de acompanharem seus maridos carregando o lar e tudo aquilo que a vida doméstica encerrava, para os sempre novos limites geográficos exigidos pela cafeicultura: novas fazendas, novos cafezais, parecia ser esta a única coisa que daria a elas “um sentido de permanência”<sup>(1)</sup>.

Ambas deixaram registro desta longa experiência como se pudessem ter, através da “mágica da memória, a sensação catártica de botar para fora tanta coisa guardada, de exorcizar fantasmas do passado, matando-os de novo bem mortos no papel”<sup>(2)</sup>.

Foi em meados de fevereiro de 1896 que Floriza Ferraz Barbosa e seu marido Antonio Silveira Corrêa embarcaram para Lençóis Paulista em um dos vapores da Companhia Fluvial de Navegação, que mantinha linha regular entre o Porto de João Alfredo, no rio Piracicaba, e o município de Pederneiras, às margens do rio Tietê. Em um trem de carga da Ituana<sup>(3)</sup>, partiram de Piracicaba para alcançar o vapor “Souza Queiroz”, da Fluvial. Levavam consigo dois filhos, um com menos de dois meses e outro com pouco mais de um ano, e uma pajem, menina ainda, para ajudar com as crianças.

O médico da família, ao tomar conhecimento da decisão do casal, apostou que eles estariam de volta em menos de um mês; e “ninguém melhor do que ele”, escreveu Floriza, “conhecia aquelas longínquas paragens, era caçador, que não media distâncias. E ninguém nos conhecia melhor, e foi por isso que apostou, mas desta vez perdeu a aposta”<sup>(4)</sup>.

Todas as esperanças do casal estavam naquelas terras de Lençóis, lembradas à hora e à tempo, como último recurso. Haviām sido compradas em 1846 do Capitão João Antonio Damasceno e Souza pelo sogro de Floriza.

O pagamento, vinte e quatro contos, feito em “libras ouro” na falta de papel moeda - dinheiro apurado na praça de Santos, numa de suas tantas viagens, levando café para vender em lombo de mulas, desde sua fazenda de Piracicaba.

O desafio que os aguardava era plantar café lá onde já tinham sua terça parte, empreitada em que nem os dois cunhados que já se encontravam na fazenda tinham obtido sucesso. A falta de mão-de-obra naquele fim de mundo - bons colonos, empreiteiros e camaradas - levava aos cunhados a pedirem, por diversas vezes, ao irmão de Piracicaba que enviasse dali bons trabalhadores; isso era feito com muita dificuldade, e para nada: “não se acostumavam e ainda fugiam da fazenda deixando dívidas”<sup>(5)</sup>, ela relembra. Desse modo, o primeiro cuidado que Floriza e Antonio tomaram foi providenciar colonos em São Paulo, na Imigração. “Eram em número de doze as primeiras famílias que vieram”, ela escreveu. “Quasi todos de ‘Mantua’, alto da Itália, gente toda muito boa e sadia. Com eles vieram três famílias de hespanhoes...”<sup>(6)</sup>. Foram levados até a fazenda onde foram acomodados de qualquer jeito, “até que mais tarde tivessem uma boa colonia com cercados e paioes”<sup>(7)</sup>. Ali ficaram sobre a responsabilidade de um único empregado, enquanto os proprietários não chegavam.

Todavia faltava ainda o principal: um “capitalista” que emprestasse dinheiro suficiente e por prazo relativamente longo para que a fazenda pudesse ser implantada, custeada e os cafeeiros entrados em produção. A rede familiar foi acionada: dentre a parentela, o tio, padrinho e também sogro de um dos irmãos de Floriza - Nhôzinho das Palmeiras - era a pessoa mais indicada. Sobre isto ela escreveu: “Essa parte foi relativamente fácil de vencer, o tio conhecia bem a capacidade do sobrinho e não teve dúvidas em confiar-lhe o seu crédito...”<sup>(8)</sup>. Generosidade aparente, já que o dinheiro foi emprestado, mas a juros.

Difícil mesmo foi a separação da família que custou a ambos, ela se recorda, “um esforço quasi sobrehumano”, mas que venceram “cheios de resignações e coragem” e de esperança de logo retornarem para seu seio. Afinal o marido prometera que seriam apenas três anos; o que sequer poderiam imaginar eram as dificuldades que iriam enfrentar naquela zona nova, naquele lugar tão remoto.

Assim, tomados pelos sentimentos mais contraditórios de esperança, coragem e medo, rumam para o porto de embarque para pegar o vapor, “que não oferecia nenhum conforto”, como ela recordaria, e que a cada oito dias fazia aquele percurso, principalmente “rebocando grandes lanchas com mercadorias levadas de Piracicaba e outras procedências”<sup>(9)</sup>.

Ao fim do terceiro dia de viagem pelo rio chegaram ao destino: o Porto Elizeu, como era então conhecido Porto Lençóis. Tomaram com pressa o trolly

que os esperava, pois até a fazenda teriam uma caminhada longa e penosa, já que a estrada além de estreita era cheia de “buracos e sustos” causados pelos pesados carros de bois. Pelo caminho avistaram velhos telhados das arruinadas casas dos colonos, algumas delas dentro das capoeiras. Ao chegarem, “já com o escuro”, encontraram a casa iluminada com lamparinas de querozene, onde os esperava “um preto velho chamado Roque, cego de um olho (...) com um jantazinho requentado, com um franguinho quase seco”<sup>(10)</sup>, como ela relembra.

Os proprietários, Floriza e Antonio, acendem algumas velas para espantar o medo dos ratos e das baratas, abrem os colchões ali mesmo no chão e assim se acomodaram na primeira noite na “Fazenda do Engenho”. Só no dia seguinte é que Floriza ficaria conhecendo a nova morada, que tinha ao redor apenas um pequeno terreiro e era cercada de matarias pelos dois lados. “A casa era muito pequena e baixa”, ela escreveu: “As paredes, um tanto velhas e estragadas, eram feitas de barróte com casca de coqueiro, e somente a salinha de jantar era forrada de pano de estopa e já bastante apodrecido pelas goteiras, cheio de buracos, por onde vazavam cacos de telha e até ratos, os quaes andavam de correria pelo telhado tanto de dia como de noite. E tudo muito preto de fumaça que subia da cosinha, que éra na parte ainda mais baixa da casa”<sup>(11)</sup>. Não havia água encanada, e para o gasto da casa era trazida em latas de um rego próximo. A iluminação era obtida com querosene.

Nascida em 1874, Floriza era uma entre os dezoito filhos, “dos quaes cresceram quatorze”. Primos entre si, seus pais, Antonio Barbosa Ferraz, de Campinas, e Ambrosina Ferraz de Campos, de Capivari, se tornaram proprietários em Rio Claro de uma fazenda de café e de “escravos suficientes” para tocá-la, como ela escreveu. Tinham ainda uma casa na cidade, para onde muito raramente iam, apenas quando havia festas.

Por essa época Rio Claro era, segundo Warren Dean, o “último limite do cultivo rendoso do café”<sup>(12)</sup>. Além deste ponto, isto é, entre 150 e 200 quilômetros do porto de exportação, o custo do transporte do café retinha parte grande demais do preço final da venda, tornando-se economicamente inviável. E o mesmo autor continua: “As estradas até Santos eram meras veredas, no máximo com dois metros de largura, e que não podiam ser percorridas por veículos de rodas. Numerosos córregos tinham de ser vadeados ou atravessados em barcos pouco seguros; o café do Oeste Paulista, portanto, tinha de ser transportado de lombo de mula. (...) Em tropas de mais ou menos dez animais, levavam dez dias para chegar a Santos. A viagem era difícil; observadores viram mulas atoladas até a barriga, e carcaças e cargas deterioradas ao longo das estradas”<sup>(13)</sup>. Apenas em 1866 é que uma empresa britânica, a *São Paulo Railway*, construiu uma estrada de ferro que ligava Santos a São Paulo; em 1868 os trilhos são levados até Jundiaí - numa extensão

de aproximadamente 140 quilômetros. Avançar com a estrada de ferro pelo interior paulista, ir além de Jundiaí, iria depender do esforço dos homens de negócios e do setor público da Província e depois Estado de São Paulo. Para a companhia inglesa que ligara o planalto ao litoral, bastava o privilégio deste trajeto, pois toda e qualquer estrada que se construísse acabaria por desembocar no monopólio de “fúnil de São Paulo-Santos”, portanto sua tributária. Inúmeras foram as sociedades que se organizaram com a finalidade de levantar capitais e deitar os trilhos pelo interior paulista. A malha ferroviária paulista surgia, no conceito do engenheiro Adolfo Pinto, “... à feição e na medida das conveniências e aspirações das localidades imediatamente interessadas e na proporção dos seus meios de ação”<sup>(14)</sup>. Ela estenderia seus trilhos num verdadeiro traçado “cata-café”, nunca determinando a função produtora mas acompanhando de longe a avançada dos cafezais e das vagas colonizadoras, em média 150 a 200 quilômetros à sua frente, ou o precediam em cerca de cinco, sete, dez e até vinte anos<sup>(15)</sup>.

As fazendas de café, separadas das fontes de recursos materiais e civilizatórios até o advento das ferrovias, eram autárquicas, praticamente auto-suficientes. Contudo, é preciso não perder de vista que “... o caráter essencial dessas fazendas, enquanto unidades de produção, vem de seu nexos com os mercados, mais que das atividades coadjuvantes que nelas tinham lugar e as convertiam num centro fechado...” de acordo com Maria Sylvia de Carvalho Franco<sup>(16)</sup>. Todas as suas partes constitutivas estruturaram-se com vistas à constituição desta unidade mercantil de produção, não escapando desta rede...” a produção para subsistência: os trabalhos domésticos, a manufatura de utensílios e vestuário, as oficinas de ferramentas e implementos para o trabalho, a farmácia, a enfermaria...”<sup>(17)</sup>

Se todas as atividades se organizavam para atender este fim, qual foi o modo interior de organização dessas atividades? Qual a abrangência delas, seus limites, principalmente aquelas destinadas à produção da vida? Qual foi a lógica na divisão dos papéis? Qual a sua dinâmica interna e quais as funções que correspondiam a cada membro deste conjunto produtivo...” que congregou sobre o mesmo teto e à volta da mesma mesa, unindo numa estreita comunidade de destino um grande número de pessoas”?<sup>(18)</sup>

Para responder é preciso contornar teorias que excluam sistematicamente das suas reflexões o contingente, o provisório, o informal, pois se cada verdade existe em si mesma, o historiador interpreta cada lógica particular.

A história do cotidiano se insere assim, na oposição entre conceitos abstratos e especificidade histórica cuja problemática é: por que elaborar categorias, conceitos que não dizem respeito à vida concreta? Mas quais são

as categorias analíticas as mais adequadas para restituir significado ao ausente, ao invisível, ao silenciado, que não reproduzam, como num jogo de espelhos, os discursos dominantes?<sup>(19)</sup>.

Retomando as palavras de Maria Odila Leite da Silva Dias “é preciso partir de conceitos provisórios e perseguir abordagens teóricas necessariamente parciais, pois o saber teórico implica também num sistema de dominação. Assumir a historicidade do próprio conhecimento num mundo cheio de transformações e mudanças, vale dizer, a teoria do perspectivismo, do historicismo, que parte de ‘um ponto de inserção’ do objeto de estudo para a partir deste ponto construir as balizas de seu conhecimento. Esse tipo de conhecimento histórico consiste, basicamente, em delimitar o lugar, a situação, a posição relativa do grupo social... a ser estudado no conjunto de uma certa sociedade. O primeiro passo consiste em assumir a temporalidade do tema, e a partir daí proceder à construção do objeto de estudo, vale dizer, delimitar e problematizar todas as balizas... que dizem respeito ao tema,... criar os conceitos adequados, desconstruí-los para que possam servir de balizas instáveis porém críticas”<sup>(20)</sup>. Refazer a *lógica do informal*, a desordem do concreto é, portanto, de fundamental importância para o nosso propósito.

Sabemos que a expansão cafeeira, sobretudo a paulista foi amplamente estudada. Podemos citar os trabalhos de Sérgio Silva, Wilson Cano, Bráslvio Sallum, João Manoel Cardoso de Melo, Zélia Cardoso de Melo, somente para citarmos os trabalhos mais recentes<sup>(21)</sup>. Tributários das análises de Celso Furtado e incorporando as polêmicas de Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort e Chico de Oliveira<sup>(22)</sup>, estas análises, ao privilegiarem a questão da dependência e da origem e características do capitalismo brasileiro, debruçaram-se sobre questões macro-estruturais e globalizantes, abordando temáticas tais como: geração de riqueza, acumulação de capital, articulação entre café e indústria e a própria origem do capitalismo e da burguesia no Brasil.

Ao lado destes estudos mais preocupados com a questão econômica, outros se voltam para a caracterização da sociedade brasileira, buscando tipificar as classes sociais, e a própria formação da burguesia nacional e das camadas médias em um contexto escravista. Os estudos de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Décio Saens, José de Souza Martins<sup>(23)</sup>, embora com perspectivas diferenciadas esclarecem múltiplos aspectos da nossa sociedade.

Buscando quebrar as tipologias sociológicas, o trabalho de Maria Sylvania de Carvalho Franco<sup>(24)</sup> faz emergir toda uma complexidade social no interior do mundo cafeeiro: pequenos sitiantes, vendedores, tropeiros, passam a povoar o universo do café compondo melhor as relações de tensão, mediação, ajustamento, etc.

Tais estudos lançam luz sobre as questões a que se propuseram pesquisar. Todavia, onde está Floriza e sua mãe Ambrosina? E Brazilia? E Theodora Martins Bonilha de Toledo, primeira mulher de Joaquim de Toledo Piza, falecida moça ainda, à bordo de uma lancha, no Tietê, quando às pressas saiu de sua fazenda nas matas do Jaú, e por essa via fluvial, única então existente em 1879, vinha até Piracicaba em busca de tratamento e remédios? Como bem definiu Maria Sylvia de Carvalho Franco, a fazenda de café, constituída como uma unidade mercantil de produção, era a um só tempo empresa e lar<sup>(25)</sup>.

O desenvolvimento da história das mulheres é tributário especialmente do interesse cada vez maior pelos acontecimentos regionais e pelos temas familiares e cotidianos; entretanto, como homens e mulheres ocupam diferentes posições na sociedade, eles não podem ser estudados através do mesmo conjunto conceitual. “Em vez de perguntar porque a mulher detém tão poucas realizações de importância histórica, devemos questionar os padrões que foram e estão sendo utilizados para avaliar o que é efetivamente de significação histórica... As mulheres precisam ser estudadas nos seus próprios termos, à luz das atividades que executam e das posições que ocupam em suas próprias sociedades”<sup>(26)</sup>.

A prática cotidiana, as necessidades na vida nas frentes da expansão cafeeira, o trabalho, a colaboração, a divisão dos papéis acabam por quebrar e ameaçar o feminino idealizado e oculto. Ocupar-se da vida doméstica através de um novo conceito para tirar do silêncio o trabalho feminino, para colocá-lo em sua verdadeira perspectiva. Todos os papéis femininos estiveram encobertos por princípios de gentileza, submissão, piedade, resignação, como dons obliteradores do desempenho das mulheres no âmbito da domesticidade, procriar e educar, processar alimentos e nutrir, cuidar dos doentes, administrar a casa, os empregados e mesmo a propriedade, participar dos negócios e por conseguinte do poder em zonas com poucos recursos materiais e civilizatórios, apenas para falarmos rapidamente sobre as atribuições das mulheres destas frentes, devem ser enfocadas como trabalho de fato.

Ser útil, aquela que serve, como se a motivação de seu trabalho fosse pura afeição.

Assim escreve Floriza sobre as atividades da mãe: “Tanto o meu Pae, como os manos mais velhos tinham a preocupação de fazer com a nossa Mãe se divertisse na fazenda... Só assim ella esquecia as lidas de casa, onde passava a semana toda dirigindo o trabalho das negras, distribuindo-lhes tarefas, ensinando-as desde as costuras, remendos, etc... aprendiam e faziam as velas de cebo para as luzes dos castiçaes, fiavam o algodão e com elle faziam os pavios para os candieiros de azeite...”<sup>(27)</sup>. Era ela ainda que cozia todos os

vestidos das filhas, exceto os de festa, ajudada pela filha mais velha, como se isto fizesse parte do conjunto de sua educação. E ainda tinham as festas anuais, quando estão toda a família ia para a cidade de Rio Claro, e sobre isso ela escreve: "Dias antes nossa Mãe já se punha em grande atividade na fazenda, com os preparativos,, e o movimento maior começava pela dispensa..." Os dias passados na cidade eram aproveitados pela mãe para as visitas, momento importante na vida daquelas pessoas, pois significavam o contrato objetivo com o mundo para além das fronteiras domésticas e da fazenda, e o contato subjetivo, enquanto trocas de experiência pessoal. Mas eram aproveitados principalmente, como ela nos conta, "para fazer sortimento de roupas, peças de amorim, de riscados e de chitas para o uzo da fazenda. Comprava roupas para distribuir aos escravos nos mezes de junho. E durante esse tempo, minha Mãe cortava as costuras, distribuindo-as às negras para cozel'as. Faziam muitas peças de roupas de baeta para os negros e creoulinhos uzarem no inverno"<sup>(28)</sup>. Mais adiante no seu relato, tomando com pretexto a descrição da sala de jantar, cômodo mais importante da casa, onde ficava dependurada a palmatória, assoalhada e forrada em uma parte e outra de chão de terra batida e de telha vã, onde no inverno acendiam o fogo para aquecê-la e tabém para clareá-la sentavam-se aí, sobre esteiras, os creoulinhos à espera do prato de mingau. Floriza nos relata "As suas refeições durante o dia eram na mesma sala, servidas em gamelinhas estreitas e compridas... Estes eram os creoulinhos desmamados, cujas mães voltavam de novo a trabalhar na roça enquanto elles ali cresciam debaixo das vistas e cuidados da minha Mãe"<sup>(29)</sup>.

Nas cartas de Ina Von Binzer lemos o seguinte sobre uma fazendeira da região de Campinas: "Está em tôda a parte, não perde as pretas de vista, assa ela mesma o pão branco... Ela própria faz manteiga, apesar de grandes dificuldades, servindo-se de uma desnatadeira para bater o crême; costura incansavelmente na máquina Singer confeccionando roupas brancas e vestidos para as crianças e até mesmo camisas e casacos grossos de inverno para os pretos da casa. Resumindo: ela é mais ativa do que qualquer dessas célebres 'donas de casa alemãs', em condições muito mais penosas, e se impõe à consideração e ao respeito de todos"<sup>(30)</sup>.

Brazilia Oliveira Lacerda, escreve nas suas memórias sobre os anos passados na fazenda na região de São Carlos, que as primeiras letras, durante, durante os primeiros anos, foram ensinadas pela mãe. "Mamãi nos ensinou a ler, escrever, contar e geografia, o que me lembro... ensinava muito bem"<sup>(31)</sup>. O ingresso nas lides da casa era feito ainda quando meninas, com um aprendizado que requeria tempo. Quanto mais cedo melhor, era uma relação de trocas: ajudava-se para aprender e vice-versa. A mãe de Brazilia dava às

filhas “a obrigação de fazer a semana”, ela nos conta. “A semaneira tinha que vê que estivesse tudo bem limpo nas sallas e na casa. Tinha que dar na dispensa o mantimento para a cozinheira e, me parece que tinha que determinar o ‘menu’ do jantar e do almoço. Fazer sobremeza e bolos isso me parece que era só no domingo”<sup>(32)</sup>. Assim, parece que a educação das meninas só se completava inteiramente quando aprendiam coisas que diziam respeito à administração da economia doméstica. Porém, ao lado desta descrição restrita aos assuntos domésticos Brazilia se põe a escrever sobre a tecnologia de preparo do solo para receber os cafezais, o trato das mudas, o espaçamento entre os cafeeiros, etc, com tamanha riqueza de detalhes, que o que podemos dizer é que tal conhecimento é, no mínimo, incomum para uma mulher tão oculta.

Parece-nos que o conceito de economia doméstica merece ser visto sob outra luz, não eivado de anacronismos e desqualificação. O papel da mulher à frente da economia doméstica é de extrema importância na divisão do trabalho naquelas regiões, verdadeiras “bocas de sertão”, no período da expansão cafeeira em S. Paulo. A ausência da mulher, ou melhor, do seu trabalho nessas fronteiras, praticamente teria inviabilizado tal empreitada ou, no mínimo, retardado o processo civilizatório das frentes. Por ser uma atividade que está fora do círculo formal da geração de riquezas, é qualificado, ou desqualificado, como atividade informal, merecendo pouca ou nenhuma atenção. O trabalho feminino foi colocado sob o manto protetor do marido pioneiro até quase seu completo “desaparecimento”. Assim, como num passe de mágica, parte do trabalho objetivo desaparece, e com ele seu sujeito: a mulher.

Maria Sylvia de Carvalho Franco escreveu que nas camadas mais abastadas desse período, não se constituiu para as mulheres “um campo preciso de solicitações e também elas se afinaram com a ambiguidade das situações vividas elaborando ajustamentos correlatamentos cambiantes”<sup>(33)</sup>. É preciso, para se evitar um resgate tão “cambiante” no que diz respeito aos papéis desempenhados por estas mulheres, matizar a elite cafeeira, periodizar o desenvolvimento da economia do café e ainda a história da formação das fortunas familiares. Isto nos permitirá compreender as necessidades e movimentos históricos quanto à divisão sexual dos papéis no interior das diversas frações desta camada de proprietários rurais. Só assim poderemos desmistificar o homem pioneiro, o homem bandeirante e, conseqüentemente, sua mulher oculta. Só assim poderemos identificar a qualidade da atuação feminina, tornar visível seu desempenho, de modo a romper o estereótipo mulher de elite - mulher ociosa.

É de Sérgio Silva o que se segue:<sup>(34)</sup> “A formação e desenvolvimento do

capital cafeeiro que tem lugar a partir de meados do século XIX... conduziu a sua divisão em duas frações, que podem ser entendidas em uma primeira aproximação, com uma divisão entre grandes capitais e capitais médios... Os grandes capitais, isto é, a camada superior da burguesia cafeeira - definiam fundamentalmente uma burguesia comercial. Os médios capitais - isto é, a camada inferior da burguesia cafeeira - definiam sobretudo uma burguesia agrária cuja fraqueza... a aproximava de uma simples classe de proprietários de terra"<sup>(35)</sup>. Pierre Monbeig completa dizendo... "não gozava o fazendeiro médio da mesma independência econômica do grande plantador; dependia muito mais dos intermediários que lhe compravam café e o revendiam aos exportadores. Não tinha a resistência financeira que lhe permitia suportar dificuldades, em caso de crise econômica. Enquanto as grandes fazendas representavam o grande investimento de considerável capital, aguentavam as depressões, devia a média lavoura ser hipotecada ou vendida. Retomava então seu proprietário a marcha para diante"<sup>(36)</sup>.

Quando naquele ano de 1896 Floriza e seu marido desembarcaram em porto Lençóis, faziam parte, então, dessa classe de proprietários de uma terça parte de terra coberta de matas, na "boca do sertão" paulista<sup>(37)</sup>. E disso tinham clara consciência uma vez que a decisão de explorá-la fora tomada quando todas as outras possibilidades tinham se esgotado. Floriza escreve que não foram poucas as tentativas do marido, porém,... "os negócios que lhe ofereceram n'aquella zona, estavam muito acima de suas posses. Em Piracicaba, assim como em outros municípios mais próximos, nada encontrava que compensasse os esforços que estaríamos promptos a fazer"<sup>(38)</sup>. A expansão cafeeira estava solicitando o uso das terras e lhes conferindo valor de troca, afinal, neste fim de século, o clima era de especulação e de expansão de volume de papel moeda em circulação: plantavam-se milhões de cafeeiros em terras virgens compradas com os lucros dessas especulações<sup>(39)</sup>.

Lençóis Paulista só foi incorporada pela malha ferroviária da Sorocabana na década de 1890. Situada além da *cuesta* de Botucatu, apresentava na virada do século os mais elevados índices de produtividade cafeeira do Estado: 95 arrobas por 100 pés de café<sup>(40)</sup>. Era uma frente pioneira onde se plantavam cafezais em plena floresta, de difícil acesso, e de onde seus moradores raramente saíam. Sobre essas longas permanências na fazenda, de até quatro anos consecutivos, forçados a ali permanecerem, Floriza relata: "as viagens de trolley que fazíamos por Baranhão, Campos Salles, e mesmo depois, por Iguatemy, tínhamos que passar por diversas pontes muitas vezes em ruínas, até chegarmos a balsa para atravessarmos o rio. Depois, subíamos um morro muito íngreme, humido e cheio de pedras onde os animais subiam com muito esforço e dificuldade, chegando a escorregar e cair... Eram horríveis aquellas

viagens, no fim das quaes, chegavamos às estações para tomar o trem, cobertos de poeira ou de lama e cançados. A bagagem também chegava no mesmo estado, inclusive as celebres cestas com os preciosos virados"<sup>(41)</sup>. Tudo ali deveria estar conectado à função mercantil e, portanto, era necessário respeitar seu ritmo e exigências, fossem as atividades principais, fossem as atividades acessórias... "nem mesmo em casa dos vizinhos éra-nos peritido ir", ela escreveu,... "só tinhamos o domingo disponível, quando não nos surpreendiam no momento de sahirmos... Ora éra um colono, óra um empreiteiro, ou um sitiante, procurando solucionar seus problemas, e tinhamos que atendel'os... Nos domingos eramos mais procurados todos inclusive pelos nossos colonos, em acerto de contas ou em consultas"<sup>(42)</sup>.

Afinal eles tinham ido para logo voltar, essa foi a promessa que o marido não pode cumprir e, no relato de Floriza, não são raros os momentos de fraqueza assim como não são raros o de extrema coragem. É certo, são lembranças, são anotações afetivas, subjetivas onde ela, a narradora, na *ressurreição do passado*, a busca do que foi para ser de novo, aprende a lidar com os fragmentos e com aquilo que falta neles, mas, "como abraçar todo o passado, fazendo ressurgir de peças soltas e caóticas a forma acabada de um mundo?"<sup>(43)</sup>

O que Floriza e o marido não sabiam era que naquele mesmo ano 1896 tinha início uma das mais longas crises até então registradas na história do café. Duraria até 1909/1910<sup>(44)</sup>. A crise pudera ter seus efeitos retardados na história entre 1891 e 1894, e contidos entre 1895 e 1896; porém, delineou-se nos anos 1897 e configurou-se plenamente em 1898, quando Campos Salles assume o governo e através de seu Ministro da Fazenda, Joaquim Murinho, implanta uma política deflacionária, recessiva, preocupada com a estabilização da moeda, afetando assim as rendas dos cafeicultores<sup>(45)</sup>. Os preços do café atingem o seu mínimo em 1903, quando cai para 1/3 do alcançado em 1893.

Os cafezais da Fazenda do Engenho começaram a dar suas primeiras safras por volta de 1899/1900, só vindo a atingir seu apogeu de produtividade em 1903/1904, após o sétimo ano, dentro do ciclo natural do cafeeiro. Este era o momento mais agudo da crise e Floriza escreve que os primeiros anos foram de luta, sem qualquer compensação,... "sem a principal que éra a remuneração dos... esforços e trabalhos". E continua... "O café começava a produzir, mas o preço não correspondia, não dava para fazer face às despesas da fazenda, nem para amortizar os juros das dividas que iam aumentando cada vez mais... E, assim, à medida que o tempo passava, com elle ia se desvanecendo a esperança que tinhamos de voltar para Piracicaba. E, por mais de uma vez chegamos a nos desanimar, tendo Antonio escripto ao seu tio e credor... expondo-lhe a nossa situação difícil e a resolução de entregarmo-lhos a

fazenda, impressionados... com as despesas e nada de lucros"<sup>(46)</sup>.

Aos insistentes apelos do setor cafeeiro junto ao governo em favor de sua intervenção para retirar do mercado parte dos estoques com objetivo de forçar uma alta nos preços, o Ministro Joaquim Murtinho respondeu: "Convicto de que a intervenção oficial só poderia aumentar os nossos males, o governo deixou que a produção de café se reduzisse por seleção natural, determinando-se, assim, a liquidação e eliminação dos que não tinham condição de vida, ficando ela nas mãos dos mais fortes e dos mais bem organizados para a luta"<sup>(47)</sup>. Se a Fazenda do Engenho tinha a vantagem de estar localizada em uma zona muito nova, cujos índices de produtividade, já apontados acima, eram os mais altos do Estado, a situação de Floriza e seu marido como devedores, os tornava extremamente vulneráveis diante da crise. A esse respeito escreveu Júlio Brandão Sobrinho: "O que não é possível é haver lucros para os que tomaram capitais a 12, 18, 24 e até 30% ao ano para afundação de uma indústria que deixa apenas 9%"<sup>(48)</sup>.

Apesar da crise as novas plantações continuaram, uma vez que os colonos, escreveu Floriza,... "reclamavam por cafés novos para poderem encher as plantações como: milho, arroz, feijão, não se conformando muito em plantar fóra dos cafezaes em terras pedregozas e outra acidentadas. De modo que, de quatro em quatro anos eramos forçados a aumentar os cafezaes, para não perdermos nossos bons colonos que eram muitas vezes seduzidos por outros fazendeiros, que lhes ofereciam maiores vantagens. De sorte que quanto mais plantavamos, mais cresciam as despesas..."<sup>(49)</sup> E continua seu relato confiante... "Até ali já tínhamos sido bastante experimentados com os trabalhos, privações e perigos que arriscamos em contacto com um pessoal ignorante e rude que não vacilava em provocar desordens e conflitos... Muitas vezes fiquei sozinha na fazenda pois Antoninho era obrigado a fazer viagens para Santos a fim de reclamar pessoalmente dos comissários as irregularidades na venda do nosso café. E nem sempre... eu tive empregados de confiança assistindo em casa", que ficava na beira de uma "estrada aberta e franca por onde transitavam os celebres e temiveis fascinoras João Modesto e Dioguinho, que eram o terror de nossa zona"<sup>(50)</sup>.

A submissão era talvez a virtude feminina mais esperada das mulheres... os homens eram os que se movimentavam, os que agiam, os que atuavam; a diferença entre os sexos e a superioridade dos homens era uma decisão divina. O trabalho da mulher devera ser invisível, silencioso: "trabalhando como a natureza", escreveu Barbara Welther, "em segredo, o amor da mulher atinge o mundo para regular a sua pulsação e para que este envie do seu âmago em um fluxo puro e moderado, a corrente que dá a vida"<sup>(51)</sup>. A impressão mais forte que ficou ao terminar a leitura deste longo

relato de Floriza é que se foi impossível recuperar a sua figura física, a cor dos olhos, dos seus cabelos, seus traços, seu jeito, em contrapartida, sua colaboração, seu trabalho, o esforço compartilhado na implantação da fazenda do Engenho está retratado de todas as maneiras, em nenhum momento está oculta, invisível ou submissa. Nada que Floriza não soubesse à respeito do funcionamento da fazenda faz desaparecer a sua função, aquilo que cabia a ela na divisão dos papéis naquela unidade produtiva, na frente pioneira. Os papéis iam se definindo, se modificavam, eram por vezes intercambiáveis, sempre interdependentes.

A questão fundamental que se colocava ali, ao lado da produção mercantil, era a produção da vida, da sobrevivência. Ela escreveu que naquele degredo, onde nem a correspondência os alcançava, aos poucos ia recobrando a coragem e a confiança: “tocar o barco para a frente... Assim o fiz, me dedicando cada vez mais... no trabalho de casa”. Neste relato mostra como era ampla essa noção de casa, de espaço doméstico. A primeira coisa que fez neste esforço de adaptação foi formar ... “uma horta na beira do córrego que passava no terreiro da cosinha. Ali semeei logo as sementes de frutas que tinha levado da chácara de meus Paes para formar o meu primeiro pomar. Por tudo, em volta da casa plantei mudas grandes de amoreiras para alegrar”... Plantou ainda árvores para postes e lenha... “porquanto a fazenda dispunha de pouca mata” ... “Os vizinhos cablocos me deram mudas de bananeiras para começar, assim como galhos de figos para produzirem logo. Desse modo, em menos de dois anos já colhíamos os primeiros cachos de banana, assim como figos, mamões, abacaxis... Ao mesmo tempo iniciei a criação de galinhas, patos e gansos”... estes para a proteção da casa. “Outra criação... foram os carneiros, as suas lãs aproveitamos para os travesseiros”... Ainda ajudava o marido durante as noites a colocar em dia as escritas da fazenda;... “ajudava ditando, e muitas vezes escrevendo, apesar do receio que tinha de errar, de atrapalhar” ... A luz do querosene não ajudava, além de fraca era fumacenta. E nos meses de colheita Floriza ia para o... “terreiro ajudar a receber o café que vinha da roça pois o cafezal era longe e os dias muito curtos. E quando ameaçava a chuva e que o café era logo amontoado, eu ajudava a varrer ao redor dos montes” ... Todas essas tarefas, no entanto, Floriza adverte... “não sacrificavam outras dentro de casa, nem a vigilância sobre os filhos porque me acompanhavam e ficavam brincando ao meu lado no terreiro”<sup>(52)</sup>.

Veio na bagagem de Floriza em 1896, além de “um armário de louça, um guarda comida e um pequeno étagé” ... algumas caixas de madeira e algumas canastras para guardar as roupas de uso da casa, um precioso dicionário de medicina doméstica - Chernovitz - que durante anos lhes serviu de guia pois o que mais a... “afligia ali tão longe era a falta de recurso médico...

nem ao menos um farmacêutico existia na pequena povoação de Santo Antonio do Tanquinho"... Tinham em casa uma pequena farmácia com medicamentos caseiros como... "beladona, saés, óleo de ricino, sulfato, iodo, etc"... "Diariamente recebíamos em casa", ela relembra, "homens, creanças e mulheres para serem medicados... Atendíamos à todos, empregando os meios mais práticos que conhecíamos. Levávamos horas seguidas medicando-os"<sup>(53)</sup>.

Era muitas as dificuldades daquela vida cotidiana, como ela mesma deixava registrado e não havia como escapar, eram dificuldades próprias do período, do lugar e do segmento social ao qual pertenciam.

Ao lado da produção de sobrevivência, e não menos importante para o concurso da produção mercantil, era o significado da instalação da família na franja pioneira. Num dos momentos mais tensos na fazenda, de enfrentamento com um colono, ela sugere que voltem para Piracicaba; seu pai faz com que veja que o casal não poderia se ausentar pois sua presença era indispensável para manter ali a ordem e o respeito. Todo o registro obedece um movimento pendular de resistência e acomodação de Floriza.

Ainda sobre este ponto as memórias de Brazilia Oliveira Lacerda registram um passeio que todas as tardes a mãe fazia na companhia dos filhos; pela descrição mais parece uma objetivação da autoridade, da ordem, que um passeio: contornavam a máquina de beneficiamento de café, paravam na serraria para dar "um dedo de prosa", desciam pelo pasto e alcançavam a colônia - conjunto de cinco casas onde moravam só os pretos. "Dava-se uma prosinha" e seguiam em frente... Essa visitação que levava uma hora, diariamente, recolocava a função e o lugar de cada um naquela unidade produtora - a fazenda. E se continuamos a leitura dessas memórias chegamos mais perto da casa, lugar privilegiado das decisões. Todos os dias... "ao escurecer, o fiscal vinha até a sede da moradia", ela escreveu, onde estavam todos reunidos, o pai, a mãe, os filhos. Vinha prestar contas das tarefas do dia e ajustar as do dia seguinte. A fronteira entre os senhores e os empregados estava ali, fisicamente colocada - o alpendre. "Papai nunca fazia entrar, nem sentar-se esses empregados... aquela conversa era só para dar as ordens... Si o café chegava na hora, serviam uma xícara ao fiscal que tomava alli mesmo em pé, dava boa noite e se retirava". A vida acontecia na casa.

É tarefa da história relativista, perspectivista, crítica introduzir novas balizas, construir novas categorias que nos permitam reencontrar a história criada e recriada a cada dia. Como escreveu Marc Bloh... "por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios ou das máquinas, por detrás dos documentos escritos aparentemente glaciais e das instituições mais distanciadas dos que as elaboraram, são exatamente os homens que a história pretende

apreender... O bom historiador, esse assemelha-se ao monstro da lenda. Onde farejar carne humana é que está a sua caça"<sup>(54)</sup>.

## NOTAS

- (1) Cf. Elizabeth Fox-Genovese, *Within the Plantation Household - Black and White women of the old South*, North Carolina, University of North Carolina Press, 1988.
- (2) Cf. Davi Arrigucci Jr., *Móbile da Memória in Enigma e Comentário*, S. Paulo, Ed. Cia. das Letras, 1987 pag. 68.
- (3) Na década de 1880, a Companhia de Estradas de Ferro Ituana, fundada em 1873 e tendo alcançado Capivari e Piracicaba em 1879, desloca seus interesses para os lados de São Manuel e Lençóis Paulista; inaugura então um sistema de transporte combinado - navegação fluvial e estrada de ferro. "Para isso .obteve concessão da linha de Porto Martins a São Manuel, ao mesmo tempo que monopolizava o serviço de navegação dos rios Piracicaba e Tietê, desde o Porto João Alfredo até o Porto Martins. Para tanto já havia chegado seus trilhos ao referido Porto João Alfredo, nas proximidades de Piracicaba", Cf. Odilon Nogueira Matos, *Café e Ferrovias - A evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*, 3ª ed. revisada, S. Paulo, Arquivo do Estado, pag. 107.
- (4) Cf. Floriza Barbosa Ferraz, *Memórias de Floriza*, acervo particular, pag. 105.
- (5) *idem*, pag. 103.
- (6) *ibidem*, pag. 119. De acordo com os dados levantados por Brasílio Sallum Jr., oscilava o número de pés de café que cada família tinha condições de tomar sob sua responsabilidade: dependia do seu tamanho, do número de adultos, da destreza, etc. A variação girava em torno de 2.000 a 4.000

pés de cafeeiro. Veja-se do autor *Capitalismo e Cafeicultura - Oeste Paulista - 1888/1930*, S. Paulo, Ed. Duas Cidades, 1982.

- (7) Floriza Barbosa Ferraz, op. cit. pag. 104.
- (8) idem, pag. 104.
- (9) idem, pag. 106.
- (10) idem, pag. 112.
- (11) idem, pag. 113.
- (12) Cf. Warren Dean, *Rio Claro um sistema brasileiro de grande lavoura - 1820/1920*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, pag. 52.
- (13) idem, pag. 52 e 53.
- (14) apud Odilon Nogueira Matos, op. cit. pag. 83.
- (15) Veja-se Alfredo Ellis Jr., *O Café e a Paulistânia*, S. Paulo, USP, Boletim nº 141 - *História da Civilização Brasileira* nº 13, 1951.
- (16) Cf. Maria Sylvia de Carvalho Franco, *Homens Livres na Ordem Escravocrata*, 3ª ed., S. Paulo, Ed. Kairós, 1983, pag. 183.
- (17) idem, pag. 182.
- (18) idem, pag. 184.
- (19) Veja-se Sandra Harding, *The Instability of the Analytical Categories of Feminist Theory* in *SIGNS Journal of women in culture and society*, 1986.

- (20) Cf. Maria Odila Leite da Silva Dias, *Teoria e Método dos Estudos Feministas (perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano)*, artigo inédito, pag. 2.
- (21) Veja-se Sergio Silvo, *Expansão Cafeeira e origens da Indústria no Brasil*, S. Paulo, Ed. Alfa Omega, 1987; Wilson Cano, *Raízes da construção Industrial em São Paulo*, S. Paulo, 1977; Brasílio Sallum Jr., op. cit.; João Manuel Cardoso de Melo, *Capitalismo Tardio*, S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1982; Zélia Cardoso de Melo, *Metamorfoses da riqueza: São Paulo 1845/1895*, S. Paulo, Hucitec/SMC, 1985.
- (22) Veja-se: Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil*, 22ª ed., S. Paulo, Ed. Nacional, 1987; *A Economia Latino Americana*, S. Paulo, Ed. Nacional, 1976; Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, 3ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1975; Fernando Henrique Cardoso, *Notas sobre o Estado e Dependência*, S. Paulo, *Cadernos CEBRAP* e Ed. Brasiliense, 1975; Chico de Oliveira, *A Economia Brasileira: Crítica a Razão Dualista in Seleção CEBRAP*, I, 2ª ed., S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1976.
- (23) Veja-se Florestan Fernandes, *A Revolução Burguesa no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1975; Fernando Henrique Cardoso, *Autoritarismo e Democratização*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1975; Octavio Ianni, *Escravidão e Racismo*, S. Paulo, Ed. Hucitec, 1978; Décio Saens, *A Formação do Estado Burguês no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1985; José de Souza Martins, *O Cativo da Terra*, 2ª ed., S. Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1981.
- (24) Veja-se: Maria Sylvia de Carvalho Franco, op. cit.
- (25) Maria Sylvia de Carvalho Franco, op. cit., pag. 184.
- (26) Cf. June Hahner, *A mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas (1850-1937)*, S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1981, pag. 16.
- (27) Floriza Barbosa Ferraz, op. cit., pag. 7.
- (28) idem, pag. 52.

- (29) *ibidem*, pag. 7 (verso).
- (30) Cf. Ina Von Binzer, *Os Meus Romanos - alegrias e tristezas de uma educação alemã no Brasil*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1982, pag. 97 e 98.
- (31) Cf. Brazilia de Oliveira Lacerda, *Dias Ensolarados no Paraizo*, acervo particular, pag. 19.
- (32) *idem*, pag. 50 e 51.
- (33) Cf. Maria Sylvia de Carvalho Franco, *op. cit.*, pag. 200.
- (34) Cf. Sérgio Silva, *op. cit.*, "Desde o começo, os principais líderes de marcha pioneira não se limitaram a organizar e dirigir plantações de café. Eles eram também compradores da produção do conjunto de proprietários de terra. Eles exerciam funções também de um banco, financiando o estabelecimento de novas plantações ou a modernização de seu equipamento..." pag. 61. Progressivamente eles vão se afastando das atividades agrícolas, deixando-as a cargo de administradores, e se instalam nas grandes cidades; aplicam seus capitais na rede ferroviária, montam bancos e negócios de exportação.
- (35) *idem*, pag. 62.
- (36) Cf. Pierre Monbeig, *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*, S. Paulo, Ed. Hucitec/Polis, 1984, pag. 142.
- (37) Com exceção das terras já com culturas mercantis, "todas as demais possuem um significado comum: antes da expansão cafeeira, elas não tinham um uso alternativo em economia de mercado e seu 'valor' era nulo; com a expansão cafeeira, seu uso é solicitado e lhe é conferido um 'valor' como parte do capital empregado na atividade cafeeira. Assim, seus primeiros apropriadores passam a dispor de um bem que agora tem valor de uso e de troca e que na realidade, teve um custo nulo ou quase nulo de aquisição" Cf. Wilson Cano, *op. cit.*, pag. 55.

- (38) Cf. Floriza Barbosa Ferraz, *op. cit.*, pag. 103.
- (39) De acordo com dados de Pierre Monbeig, *op. cit.* Em 1869/1870 o volume de papel moeda em circulação girava em torno de 149.397 contos de réis; em 1885/1886 elevou-se para 194.283 contos de réis e fechou o século na marca dos 778.363 contos de réis. “Desse fato dá Delgado de Carvalho excelente exemplo, citando o caso de uma fazenda comprada por 230 contos de réis, revendida por 500 e transferida a um terceiro por 1.000 contos, tudo em alguns anos”, pag. 107 e 108. Em seguida o autor dá outros dados sobre a euforia cafeeira: estima-se que até meados da década de 1870 apenas 135 mil hectares estariam ocupados com café; com as plantações ocorridas entre 1876 e 1883 incorporaram-se mais ou menos 150 mil hectares e com os plantios de 1886 a 1897 outros 608 mil hectares são ocupados.
- (40) Veja-se Pierre Monbeig, *op. cit.* Outros dados fornecidos pelo autor: o índice de produtividade de Botucatu era de 75 arrobas, de São Manoel 85 e de Piraju, 99, todas cidades da mesma região. Dado que não existem variações significativas quanto à tecnologia utilizada entre as zonas e que a qualidade da terra roxa era a mesma de Ribeirão Preto, podemos deduzir que estas médias tão elevadas de rendimento devem-se à juventude desses cafezais.
- (41) Cf. Floriza Barbosa Ferraz, *op. cit.*, pag. 183.
- (42) *idem*, pag. 177a e 115a.
- (43) Cf. Davi Arrigucci Jr., *op. cit.*, pag. 83.
- (44) Veja-se sobre a crise: João Manuel Cardoso de Melo, *op. cit.*, Boris Fausto, *Expansão do Café e Política Cafeeira* in Boris Fausto (org) *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, 1<sup>o</sup> vol., S. Paulo Difel, 1975; Sergio Silva, *op. cit.*, Wilson Cano, *op. cit.*
- (45) Cf. João Manuel Cardoso de Melo, *op. cit.*, pag. 133.
- (46) Cf. Floriza Barbosa Ferraz, *op. cit.*, pag. 147.

- (47) apud Brasílio Sallum Jr., op. cit., pag. 112.
- (48) apud Brasílio Sallum Jr., op. cit., pag. 115.
- (49) Cf. Floriza Barbosa Ferraz, op. cit., pag. 147.
- (50) idem, pag. 151 e 135.
- (51) Cf. Barbara Welther *The Cult of the True Womanhood - 1820/1860* in Michael Gordon (org): *American Family in Social Historical Perspective*, N.Y., Saint Martin Press, 1973, pag. 231.
- (52) Cf. Floriza Barbosa Ferraz, op. cit., pag. 142 e 143.
- (53) idem, pag. 115, 116 e 128.
- (54) Cf. Marc Bloch, *Introdução à História*, 4ª ed., Portugal, Publicações Europa América, pag. 28.